

## **CARTAS DE NINGUÉM POR NINGUÉM**

Estudo de crônicas do jornal *O Lidador*, em Jacobina (BA), em 1934

**Adriano Menezes<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

*Carta de Ninguém* foi o título empregado por um autor à margem dos cânones literários, baiano e nacional, em crônicas publicadas no jornal *O Lidador* (1933-1943), periódico da cidade de Jacobina (BA), no ano de 1934. Os cinco textos são assinados por *Ninguém*, escritos em linguagem simples, jornalística, de onde se pode interpretar o modo de ver a realidade de um autor desconhecido em uma sociedade afastada dos grandes centros urbanos. Embora sejam relevantes as distâncias entre os intelectuais da capital do Estado e do interior, pode-se perceber tanto por sua intenção em escrever quanto por sua composição textual a sincronia com o “tradicionalismo dinâmico” proposto pelos modernistas baianos em 1929, a demonstração de como a imprensa escrita possibilitou a publicação de textos de autores locais, a divulgação de estereótipos de modernidade e a representação cultural sertaneja de uma região do interior da Bahia na década de 1930.

**Palavras-chave:** literatura, imprensa, cultura local

Pode parecer ironia intitular um texto ou ter como propósito analisar um conjunto de publicações ou *Cartas* escritas por *Ninguém*. Foram apenas crônicas publicadas no jornal *O Lidador*, da cidade de Jacobina (BA), em 1934, onde se pôde sentir o trabalho de um escritor nativo, expressando o seu ponto de vista sobre algo ou mesmo induzindo o leitor a uma reflexão sobre um assunto qualquer na época em que foram publicadas. Banal, matuto, cidadão, intelectual, foram muitas as tentativas usadas para definir este escritor ou, se melhor convir, quem de fato teria escrito aqueles textos. Todavia, por seu intermédio foi possível notar em seus textos traços elementares que demonstraram mais do que eu queria buscar, abriram portas para visualizar traços característicos, sotaques e ainda a transformação da linguagem brasileira na década de 1930. *Ninguém*, então, se transformou de ser banal para inteligente, de matuto para cidadão, de homem simples, comum, inominado para intelectual do interior da Bahia. Em busca da identidade deste autor, foi necessário percorrer arquivos familiares de intelectuais ou acervos de outros autores locais, sem resposta objetiva. Porém por suas palavras foi possível configurar as publicações de um jornal semanal em uma cidade do interior da Bahia como documentos ou monumentos da cultura local (cf. LE GOFF, J., 2000) e abrir

perspectivas de análise de um ou todos os textos escritos por um autor completamente à margem do cânone literário baiano.

Três grupos quase simultâneos refletiram a inquietação do Modernismo na capital do estado da Bahia no final da década de 1920: o da revista *Arco & Flexa*, o da revista *Samba* e o da Academia dos Rebeldes (SANTANA, V., 1986, p. 13-20). Ao analisar o caminho difusor destas revistas ou academias, foram perceptíveis vários obstáculos para sua maior penetração em pequenos municípios ou em sociedades rurais distanciados do centro político e econômico do Estado: o custo do papel e da impressão, os meios de transporte, ainda escassos, que levavam às cidades interioranas principalmente os jornais de maior porte, como por exemplo, o jornal *A Tarde* (fundado em 1912); em decorrência disso, a distância entre a produção e a distribuição, sua destinação a um restrito público leitor e o próprio surgimento de uma imprensa interiorana voltada para publicações de notícias e textos de autores locais.

São cinco textos com o mesmo título: “Carta de Ninguém”, assinados por *Ninguém*. A peculiaridade de assinar o próprio texto foi o que mais chamou a atenção. Embora a assinatura seja referente a um ser desconhecido ou conhecido como qualquer um cidadão de Jacobina, de municípios ou povoados ao seu redor; ou ainda como um habitante de local desconhecido, aparenta demonstrar a necessidade do seu autor de ser descoberto ou nominado um dia – o que de fato ainda não ocorreu. Chamar-se ou se cognominar por este pronome indefinido, em analogia, logo nos remete a um ser romântico, melancólico, pessimista ou decadente. O romantismo tardio, tão predominante ainda nos meios de poucos letrados interioranos, estava presente em alguns de seus textos. Entretanto, a fluência da escrita, mais próxima de uma linguagem coloquial baiana, utiliza melhor expressões locais, como “de quando em quando” (*O Lidador*, nº 32, 13/04/1934, p. 04), “Êta alegria doída seu mano!” (*O Lidador*, nº 26, 02/03/1934, p. 04), entre outras, aproximando-a também de um modernismo *tradiccionista dinâmico* proposto em Salvador. Isto também pode ser demonstrável porque em duas destas crônicas existem referências a revistas literárias baianas que o autor diz ler, indiciando contato com o que se produzia em Salvador nas primeiras décadas do século XX. Pode-se ponderar serem as revistas mais antigas citadas, lá pelo final do século XIX ou mesmo de décadas anteriores, mas se deve relevar que a *Revista da Academia de Letras da Bahia* foi fundada em 1930, também foi a que teve maior penetração

em meios intelectuais de toda a Bahia e, teve finalmente como seus componentes, escritores remanescentes da revista *Arco & Flexa*.

Sabe-se que o jornalismo na Bahia na década de 1930 não era profissão rentável ou mesmo considerado uma profissão. Em geral, a iniciação ao jornalismo estava baseada em critérios pessoais, por afinidade, simpatia, ou por admiração da composição textual. Jorge Amado, por exemplo, comentou que foi o seu texto sobre a região do cacau o que provocou em Muniz Sodré, diretor do *Diário da Bahia*, certa atração e levou-o a trabalhar na redação de seu jornal. Vários jovens estudantes do interior que tiveram a oportunidade de ingressar nas poucas universidades baianas da época se interessaram nesta projeção social porque o texto jornalístico, embora não fosse suficientemente rentável, servia como veículo da própria apresentação, com possibilidade até de levá-los à ocupação de cargos em instituições públicas. (RAILLARD, A., 1990, p. 32)

Em busca de um elo com os intelectuais da capital do estado da Bahia, ou mesmo com autores do modernismo baiano, os textos, crônicas ou cartas de *Ninguém* perpassaram pelo mesmo parâmetro do “tradicionalismo dinâmico” apresentado por Carlos Chiachio em seu manifesto de 1929. Escritas em 1934, um ano após a fundação do jornal *O Lidador* na cidade de Jacobina (BA), estas crônicas revelam a ansiedade de um povo afastado do movimento literário que ocorria em Salvador, ao mesmo tempo em que demonstram ter com ele certa afinidade tanto no plano estilístico quanto temático.

A crônica no Brasil do século XIX já angariara um caráter *sui generis* de humor lírico ou prosa poética, diferente de sua concepção originária francesa, afastando-se de história ou de documentário. Notória no século XX, a crônica já repercutira em toda a imprensa e assim se tornava mais um traço característico do jornalismo brasileiro. Por isso foi posteriormente classificada por três tipos fundamentais: crônica-poema, crônica-conto e crônica ensaística, embora este último tipo ainda seja motivo de controvérsias. Em suma, o que se deve relevar da crônica é a ótica do escritor ou sua linguagem, posto que, independente do tema abordado, tem-se um ponto de vista expresso, fornecendo ao leitor identidade com sua própria realidade. (cf. MOISÉS, M., 1994, p. 101-120)

Fundado em 1933, o jornal *O Lidador* teve como redatores vários colaboradores letrados da cidade onde era impresso, Jacobina (BA), ou mesmo de cidades circunvizinhas. Alguns textos assinados tinham como fim a liberdade de

expressão de um Brasil em processo de transformações políticas. Os redatores anônimos, por sua vez, faziam reportagens locais, principalmente porque a notícia em nível estadual ou nacional chegava ao interior por via telegráfica – indiciadora de mensagens relativamente curtas –, ou pelos maiores jornais dos grandes centros políticos e econômicos, passando a ser resumidas ou reproduzidas de acordo à necessidade de melhor aproveitamento de espaço pela diagramação. A historiadora Lucia Lippi Oliveira afirma que “a maioria dos intelectuais, independente de sua origem de classe, de sua formação bacharelesca ou especializada, encontrou espaço para atuar junto aos novos mecanismos criados pelo Estado pós-30” (OLIVEIRA, L., 1980, p. 507). Em específico, na cidade de Jacobina, são destaques ratificadores de participação intelectual o comerciante Amado Barberino, assíduo colaborador do jornal *O Lidador* e fundador do primeiro jornal local – *A Primavera* (1916) –, Eulálio Mota, farmacêutico, Eurycles Barretto, escrivão e fotógrafo, entre outros.

Além de intelectuais colaboradores e assinantes do jornal local também podem ser destacados outros escritores que publicaram textos com pseudônimos por todos os dez anos de existência do jornal: Liota, Zé Sozinho, Xto e Ninguém, por exemplo. Fica óbvio que não se pode precisar a intenção de autores que assim procederam. Porém, ao ler tais textos publicados em colunas, vêem-se de modo geral características humorísticas e/ou satíricas, assim como líricas da microrregião ou da Bahia como um todo.

O jornal *O Lidador* possuía tipografia própria e já publicava livros de diversos autores locais desde quando era chamado jornal *Mundo Novo* (1920-1933) na cidade homônima. Fundado em Jacobina em 1933 por causa de atritos políticos entre o seu proprietário, Nemésio Lima, e o prefeito da cidade de Mundo Novo, Raul Victoria, desde o momento em que a Revolução de 1930 se instalou no Brasil, suas páginas traziam reportagens da região e do Brasil (transcritas de outros jornais), editais e publicidade, além de textos literários. Defensor do progresso como condição essencial para o desenvolvimento do Brasil, também serviu como meio publicitário para as transformações políticas que ocorriam no país e se refletiam na cidade de Jacobina, onde era publicado.

A primeira *carta de ninguém* foi publicada em 23 de fevereiro de 1934, menos de um semestre após o início da publicação do jornal *O Lidador* em Jacobina (BA): “Domingo. Um domingo comprido, interminável, ocioso e aborrecido. Você não

imagina como é longo e sonolento um domingo no sertão”. (*O Lidador*, nº 25, 23/02/1934, p. 4) Deste modo é iniciado o texto e, a seguir, o narrador-personagem delineava sua insatisfação com sua própria vida. Para ele, a vida *nos matos* onde nasceu e foi criado era entediante, embora pudesse ser boa para quem morasse na grande cidade. Ele desejava as cidades grandes, não sabia se gostaria de viver nelas, mas *vê-las viver*. *Ninguém* se sentia um homem afastado do mundo, solitário, eremita. Expressava seu distanciamento entediante quando dizia que “há mais de meio século amanheceu e nada de anoitecer”. Suas ironias foram criativas até mesmo quando narrou e exprimiu sensações por ler um *pacote de jornais velhos*: “(...) li tudo. Tudo. Até os anúncios. Mais ainda: - até as crônicas literárias dos poetas da Bahia”. Nesse ponto, logo surgiu uma questão interpretativa: por que nos textos o autor enfatizou *até as crônicas literárias*, não os anúncios publicitários, como última opção? Repulsa, antipatia, ignorância? Uma hipótese plausível foi considerar tal ordem como uma ironia passar um domingo em casa lendo. A leitura ressoa como falta de algo para fazer e a escrita como justificativa para a própria vida de um homem do interior baiano, fora do centro político, econômico ou cultural de seu estado.

A crônica em si tem em seu íntimo o efeito poético. Enquanto poesia, a crônica explora a temática do eu, tornando-o assunto e narrador simultaneamente (cf. MOISÉS, M., 1994, p. 111). Assim, *Ninguém* compôs o seu eu-lírico: cronista ou poeta, entediado, quiçá romântico, em uma fazenda do sertão da Bahia em 1934, irritado diante da solidão da vida no campo e acompanhado pelo canto metafórico e crítico de uma ave: “Sofrê!”. O canto repetitivo da ave aparecia como a alegoria de sua própria vida naquele momento. Provavelmente era um homem de melhor condição financeira do que o *matuto* sertanejo de quem ele ouvia uma cantiga: “Coisa interessante: estou achando bonita a voz do tabaréu”, comentou no texto. Conhecedor da fala sertaneja, ele fez questão de privilegiar o linguajar típico e seu sentimento. Para ele, tudo se resumia ao tédio e à solidão, concluídos por uma frase inusitada: “Só sei que vou matar o diabo deste passarinho que continua me pirraçando com seu grito: Sofrê! Sofrê!Sofrê!”(*O Lidador*, nº 25, 23/02/1934, p. 4).

Assim, desconhecido como entrou nas páginas do jornal, *Ninguém* escreveu e encerrou suas publicações até 27 de abril de 1934. Datada pelo autor como 13 de fevereiro de 1934, a segunda carta de *Ninguém* foi um quebra-cabeças só publicado no jornal *O Lidador* em 02 de março do mesmo ano. Ele iniciou descrevendo o seu

dia-a-dia: um indivíduo que não tinha o que fazer. Em seguida, comentou fragmentos de textos que teria lido de uma revista literária da Bahia e justificou ter sido esta leitura quem o despertou para compor uma “carta maluca” para o leitor. Em 1934, as revistas literárias propriamente ditas se iniciavam e encerravam sem muita condição para continuidade devido a fatores econômicos principalmente. Contudo, por esta referência, pode-se chegar a uma provável formação intelectual de *Ninguém* e interpretar o seu texto como mais uma ousadia marginal na literatura.

De maneira descarada ou brincalhona, o autor continuou a narrar sua trajetória de vida e caracterizou o seu modo de escrita advindo de quando era um *rapazola* e considerado pelos outros como *um rapaz muito inteligente*. A utilização de termos da mitologia greco-romana para representar os astros foi justificada por sua conveniência diante do que achava que era considerado belo pelos outros diante de um padrão de escrita dominante. Por isso, ele recebeu elogios de um amigo, deixou os cabelos crescerem em sinal de rebeldia e escreveu versos para a sua primeira namorada. Estes versos serviram mais para a sua auto-afirmação na sociedade, repercutiram na solicitação de um alfaiate para que ele escrevesse uma carta com um pedido de casamento e finalizaram em seu egocentrismo ao escrever um soneto intitulado “Amor ausente” para a namorada que estava na fazenda. Enfim, “Está aí como é uma carta maluca” (*O Lidador*, nº 26, 02/03/1934, p. 4).

As ironias de *Ninguém* em relação a si mesmo continuam a partir desta *carta maluca*. O que se pode ver mais claramente é sua destreza no uso da escrita simples, sem os excessos de palavras de difícil compreensão e com uma boa riqueza literária. Por isso, a cada crônica o autor, de modo persuasivo leva o leitor ao seu prazer mesmo em um texto cujas reformas ortográficas subsequentes ainda não continham. Como disse Roland Barthes, o *brio* do texto seria sua *vontade de fruição*, que ultrapassa a *tagarelíce* e força o impedimento dos adjetivos, que “são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas”. (BARTHES, R., 1977, p. 21) Trabalhar episódios no caso das cartas de *Ninguém* induziria o leitor a analogias sobre quem afinal seria este autor. No entanto, as transformações de si em um sonho derrubam hipóteses e deixam o leitor diante de um texto acabado e uma resposta indeterminada: quem foi *Ninguém*?

Vejamos os episódios: *a priori*, o autor disse ter sonhado com a pessoa a quem dirige as cartas, isto é, *você*. Seria um sonho em que teria um filho com ela, “burrinho que dá dó”. A considerar a ironia como um contraste entre a aparência e a

realidade (cf. ALAVARCE, C., 2009, p. 28), percebe-se a trajetória de formação deste *filho* que o autor sonhou ter. De um *rapazote* que “não ligava duas ideias”, ele é enviado para estudar em um colégio em que “não aprendia nada. Mas em compensação passava em tudo”, levando-o a se tornar *doutor*. O discurso do filho na comemoração de formatura induz a esposa a abraça-lo, chorando de contente enquanto o pai inicia gargalhadas que provocam a perda de controle sobre si mesmo e, finalmente à transformação do mundo imaginário em quando se vê só, sem a esposa, o filho e os convidados: “E agora quem era o doutor era eu. Eu, *ninguém*, era o doutor. Depois eu voltei ao natural, compreendendo que ser doutor está ao alcance de qualquer ninguém. Contanto que este ninguém tenha dinheiro para pagar a Escola... E eu tinha...”. (*O Lidador*, nº 27, 09/03/1934, p. 4) Por fim, o irônico *Ninguém* concluiu o texto com mais outra metamorfose em sua vida: ele se tornara um caixeiro de venda, cujo patrão era tão bom que chegava a ser *trouxa* e “você era a mulher do patrão” que gostava muito dele. Por isso, tornou-se sócio do patrão. Há de convir que concluir a carta ou crônica dizendo se tornar sócio do patrão porque sua esposa gostava muito dele provoca no leitor o riso. Provocar o riso, para o autor de um texto irônico, subentende o prazer do leitor em sua recepção. A relevar que o riso sofreu transformações da Antiguidade à Modernidade em que estavam as *Carta[s] de Ninguém*, ele simplesmente foi atenuado diante da literatura cômica ou do cômico grotesco e recebeu outras designações: *humor*, *ironia* ou *sarcasmo* (cf. BAKHTIN, M., 1999, p. 33). É plausível assim compreender mais este eu-lírico ou às vezes sarcástico moderno no sertão baiano criticando sua condição de vida.

A quarta *Carta de Ninguém* demonstra contiguidade com a última publicada anteriormente, em um intervalo semanal maior do que foram as outras, porque o autor tinha deixado o final da última semi-aberto. Dissera simplesmente que tinha ficado sócio do patrão. A *metamorfose* do sonho narrado serviu, portanto, para a abertura da *carta* seguinte: “Sonhei... Sonhei... Com o que foi que sonhei? Esqueci.” Tudo do sonho é resumido em “um romance”, tanto em seu sentido literário quanto metafórico. Suas linhas iniciais seriam a descrição da formação de um relacionamento passional por seu objeto de desejo. Dialogando com a alteridade, ele voltou à ironia para si: “Garanto que você está morrendo de rir de mim! Porque estou romântico, estou passadista, estou ridículo ao escrever pieguices sentimentais!”; mas, a seguir, insistiu que “quando lhe escrevo faço o possível de dizer qualquer

coisa que o faça rir”; prosseguiu e concluiu a carta com a breve narrativa de um amor infantil – convertido em paixão platônica – por uma *guria* que foi se tornando mulher, a “Fessorinha” que ganhou *olhos de ressaca, como os olhos de Capitu*, interrompido por circunstâncias não reveladas: “Ah! Se essa carta pudesse ser lida pelos olhos de ressaca de ‘Fessorinha!’”. (O Lidador, nº 35, 13/04/1934, p. 4) Tal qual ironizara de si através do riso do amigo a quem endereçava a carta, o texto assim concluído nada mais é do que o próprio passadismo *romântico* ou a *pieguice sentimental* que pressuponha ser interpretada.

Publicada no jornal *O Lidador* em 27 de abril de 1934, a última *Carta de Ninguém* tem traços fabulares, isto é, mais um sonho do eu-lírico ou sarcástico: “Veja só: – Sonhei que estava surdo! Que coisa incômoda, seu menino! Fiquei diferente. Dei pra andar desconfiado”. Ao lembrar o que fizera junto com a meninada diante de um velho surdo que morava no arraial onde viveu a infância, sua desconfiança estava carregada de arrependimento por ter pilheriado, chamando-o de *besta* ou *Véio* quando o outro apenas estendia a mão e dizia: “Deus abençoe”. Por isso, achava que todos poderiam estar fazendo o mesmo com ele – surdo em seu sonho. O caráter fabular pode ser demonstrado pela contraposição de momentos de sua própria vida: menino e homem, o sarcástico e o escarnecido. Nesse instante final, seu arrependimento cristão aparente vem à mostra em súplica a Deus para abençoar o *pobre velhinho* que, provavelmente, já tinha morrido no momento da publicação.

Expressões como *eu sou ninguém, eu não sou ninguém, eu sou de ninguém* ou ainda *eu não sou de ninguém*, por exemplo, demonstram o quanto este pronome ou auto-titulação até hoje permanece entre as pessoas em diferentes circunstâncias. Atribuir um nome a um ser humano e, a partir disso, passar a sê-lo servem como bases para relações sociais e também para conectivos adjetivais a passarem ou desaparecerem ao longo de todo o processo de sua permanência em vida. Ser insignificante ou significar também o que alguns outros sentiam pode ser interpretado como um jogo proposto pelo autor dos textos explanados para se chegar à sua verdadeira identidade ou ainda sua identidade cultural. Independente de romântico tardio, modernista, irônico, sarcástico ou lírico, *Ninguém* foi acima de tudo uma representação cultural de uma cidade do interior da Bahia na década de 1930. Em seu pequeno conjunto de textos lê-se o pensamento intelectual do interior, especificamente a região de Jacobina, os estereótipos de modernidade que ali



chegavam, os valores sociais dominantes e a linguagem jornalística simples que cada vez mais trabalhava o coloquial em textos.

## REFERÊNCIAS

ALAVARCE, Camila da Silva. *A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4. ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Lisboa: Edições 70, 2000.

MENEZES, Adriano & OLIVEIRA, Valter (org.). *Acervos Digitalizados da Microrregião de Jacobina*. Jacobina (BA): Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade (NECC)-UNEB-Campus IV, 2010. 1 DVD.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária: Prosa II*. 15ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. “Raízes da Ordem: Os intelectuais, a cultura e o Estado”. In: *A revolução de 30: seminário realizado pelo CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, setembro de 1980*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1983.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado (entrevista)*. Trad. Anne Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990.

SANTANA, Valdomiro. *Literatura Baiana 1920-1980*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela UEFS e Professor Assistente de Literatura Brasileira, UNEB, Campus IV, Jacobina (BA).